

ALGUMAS DIVERSÕES CAMPINEIRAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Duílio BATTISTONI FILHO

Campinas, a partir da segunda metade do século passado graças aos seus altos índices de desenvolvimento econômico provenientes das rendas do café, à sua excelente localização geográfica e a um acentuado progresso urbano, era natural que atraísse segmentos da população local e de cidades vizinhas para suas inúmeras casas de espetáculo e de lazer.

Assim, comentemos em primeiro lugar o velho Teatro S. Carlos, inaugurado em 1850. Era um edifício muito singelo, sem qualquer preocupação de beleza arquitetônica, construído por uma sociedade particular com o fim de proporcionar aos campineiros os prazeres da ribalta. Dezesete anos depois, o modesto prédio recebia grandes melhoramentos internos e uma fachada imponente, ficando assim, em condições, embora modestas, de receber as boas companhias que aqui aportassem.

O edifício apresentava uma frente harmoniosa, de boa elevação, assobradada, com três portas centrais de entrada e duas janelas-bilheteria; e no pavimento superior, cinco janelas, sendo três de sacadas abertas para o largo fronteiroço. À direita e à esquerda duas áreas reduzidas destinadas a jardins que nunca foram feitos, sendo uma delas transformada em um anti-estético e mal cheiroso mictório público.

Um pequeno átrio com escadas laterais que levavam aos andares de cima separava a entrada da platéia semi-circular onde se alinhavam as cadeiras de palhinha e alguns bancos de madeira. No primeiro plano estavam as frisas e varandas, seguindo-se os camarotes e a geral. O palco de regular dimensão era fechado por um pano de boca,

ricamente decorado pelo pintor espanhol, José Maria de Vilaronga, célebre pelas pinturas em sédes de fazendas no Vale do Paraíba.

Em 1907, vendo-se parte do largo fronteiroço com aquele aspecto primitivo e de completo abandono conservado até 1911, o então prefeito municipal, Heitor Penteado, ali realizou sensíveis melhoramentos, retirando o chafariz, que era datado de 1874, e ajardinando convenientemente o local.

Leopoldo Amaral e Rafael Duarte nos deixaram saborosas crônicas acerca desse teatro, desde os seus primeiros tempos, quando as famílias chegavam a levar lanches para serem ingeridos durante os intervalos, ou quando alguns espectadores transportavam cadeiras para serem colocadas em lugares privilegiados.

Nos primeiros tempos da República o teatro foi cenário de grandes acontecimentos artísticos e sociais. Justo destacar as companhias - Lahoz, Clara Weiss-Spinelli. Estrelas de operetas como Léa Candini, transformistas como Fregoli e Fátima Mirs, comediantes portugueses como Adelina e Cremilda de Oliveira, a dramática italiana Trieste Amato e tantos luminares da cena internacional.

Em 1920 o S. Carlos passa a exhibir filmes de grande produção, atraindo um público sequioso para ver as performances de Rodolfo Valentino, Theda Bara, Pola Negri e tantos outros.

Após a Primeira Guerra Mundial, Campinas passa por uma fase de grande desenvolvimento e a população clama por um teatro maior. Foi assim pensando que o prefeito Rafael Duarte resolve dotar a cidade com uma casa que viesse preencher suas finalidades, providenciando os meios necessários a fim de levar a termo esse grandioso empreendimento. Vários locais foram então sugeridos para o levantamento do novo edifício, mas talvez guiado por um destino histórico, a escolha recaiu sobre o mesmo terreno ocupado pelo velho S. Carlos. E dessa forma, em 1922, as picaretas do progresso punham abaixo aquelas paredes que durante setenta e dois anos formaram o nosso primeiro templo de arte. No dia 1º de setembro de 1930, inaugurava-se o Teatro Municipal, na gestão Orosimbo Maia, com a ópera **O Guarani** de Carlos Gomes. Entretanto o novo teatro durou apenas trinta e cinco anos quando foi demolido por apresentar rachaduras em suas paredes, segundo técnicos da Prefeitura.

Em 1910 começa a funcionar na praça Antonio Pompeu, o Cassino Carlos Gomes, na realidade um teatrinho tipo café-concerto. As sessões eram diárias, os programas variados. Ali estiveram os Geraldos, famoso duo branco e preto, criadores de várias modinhas de sucesso como a célebre **Vassourinha**, muito divulgada na época pelos discos da Casa Edison do Rio de Janeiro. Elvira Beneventi também cantora de musicais brasileiros também caiu nas graças do público com a famosa **Caraboo** cuja popularidade constituiu verdadeira epidemia.

Batista Junior na ocasião interpretava toadas caipiras. Foi ele o lançador da conhecida valsa *Dorme filhinho dorme* muito aplaudida pelas famílias e que chegou praticamente até nossos dias.

E não eram somente os números de variedades que integravam os programas do Cassino. Companhias de comédias, de ilusionismo e revistas, de outros gêneros por ali passaram, revezando-se em noitadas de movimentação atraindo público seleta e numeroso.

Por motivos vários, o Cassino foi por duas vezes fechado para reabrir com a instalação de dois cabarés. Entretanto, devido à sua localização central e várias queixas de moradores das proximidades do local, tiveram vida efêmera. Em 1939, o Cassino foi demolido.

E por falar em teatro não podemos esquecer a grande influência do Externato S. João na vida artística e cultural da cidade durante a Primeira República, especialmente na década de 10 quando foi fundada por iniciativa de seu diretor, o padre José dos Santos, pianista e maestro, a Associação dos Ex-alunos de D. Bosco de Campinas à cuja atividade cultural e cristã se juntou desde logo o Grêmio Literário-musical com um grupo de teatro amador e uma orquestra própria.

Bernardo Leite foi o seu primeiro presidente que comandou a turma do teatro, enquanto Renato Pedroso e posteriormente Jorge Whitemann comandariam a orquestra. O grupo teatral denominado *Benedito Octávio* foi assistido intelectualmente pelo primeiro bispo campineiro D. João Nery. Nesta primeira fase apareceram revelações como Armando dos Santos e José Guedes de Castro. Posteriormente, com Nestor Amaral na direção, surgiram artistas de escol como Vicente Ghilardi, Trajano Guimarães, Felício Martone e o estreante Walter Foster, futuro cartaz do rádio e televisão. Como vemos, o Externato S. João abriu as portas para o cenário artístico nacional de bons atores

campineiros. Foi ali, por exemplo, que Mário Monteiro, em 1913, executou pela primeira vez, sua peça lírica **Ressurreição** em três atos alcançando grande sucesso na ocasião.

As primeiras demonstrações do cinema em Campinas foram levadas a efeito por empresários itinerantes que periodicamente se apresentavam em nossos teatros e salões particulares exibindo o grande invento dos irmãos Lumiere. Conta-se que Antonio Benedito de Castro Mendes, comerciante local, indo à Europa visitar a Exposição Universal de Paris, no começo do século, ali adquiriu um aperfeiçoado aparelho Bioscópio e regular quantidade de fitas, que passou a exhibir num prédio vizinho ao seu estabelecimento a conhecida Casa Livro Azul. Pouco depois, continuaram com maior freqüência as demonstrações do novo invento, que rapidamente ganhou popularidade. Novas casas serão abertas que, em caráter permanente passam a realizar sessões diárias, com grande concorrência. Na rua Cesar Bierrembach funcionou primeiramente o Recreio, na esquina da Dr. Quirino com Conceição aparece o Éden Variedades, posteriormente chamado de Radium. Em suas programações eram exibidos, por vezes, de 8 a 10 filmes, com duração de até três horas de projeção. Filmes produzidos pela Pathé, Gaumont, Eclair e Nordisque eram muito apreciados e pontificavam astros como Max Linder, Francesca Bertini, Lidia Borelli e Charles Chaplin que já estava despontando no cenário cinematográfico.

Em 1905 era inaugurado o Coliseu no Jardim Carlos Gomes, construído inicialmente para touradas e mais tarde transformado em cinema. Funcionou com longas sessões até de madrugada, exibindo seriados famosos como aquele do Tom Mix, ao som de chorosas valsinhas a cargo da Banda Italo-brasileira. Foi demolido em 1944.

Não podemos esquecer que Campinas, a partir dos anos 20 foi chamada de a Hollywood cabocla, pois alguns campineiros abnegados como Amilar Alves, Filipi Ricci e Thomas de Tulio chegaram a produzir filmes de longa metragem. Filmes de grande intensidade dramática foram feitos como **João da Mata**, **Sofrer para Gozar** e **A Carne** dentre outros. Sem apoio financeiro e lutando com uma série de obstáculos, mas impulsionados por uma força inquebrantável, deram provas de sua capacidade, apresentando películas que fazem parte das antologias cinematográficas do país. Foi um ciclo importante na história do cinema brasileiro segundo Alex Vianey.

Ainda no capítulo dos grandes cinemas de Campinas não podemos esquecer o Cine-Teatro S.Carlos, inaugurado a 9 de maio de 1924. Funcionava na rua Cesar Bierrembach, esquina do tradicional Beco do Rodovalho. Foi um dos bons cinemas da cidade, um imponente edifício com 1.100 lugares, 36 camarotes, uma espaçosa sala de projeção em forma de ferradura. Sofreu uma grande reforma em 1937 que melhorou seu aspecto interno, com iluminação indireta e pintura no forro e o hall foi decorado pelo artista Colombari. Antes de ser somente cinema foi teatro e em seu palco passaram algumas companhias e artistas de renome, como Bertha Singermann, Brailowski, entre outros. Com o advento do cinema sonoro, no dia 28 de janeiro de 1930, pela primeira vez em Campinas ali se exibiu o filme **O Pagão** estrelado por Ramon Novarro.

Depois do trágico desabamento do cine Rink, em 1951, a Prefeitura houve por bem interditar o S.Carlos para reformas, mas o popular cinema não tornou a se reabrir. Outro cinema muito querido do público foi o República inaugurado no Largo da Catedral a 1º de janeiro de 1926 com uma sala de projeção bastante confortável que comportava 1.500 espectadores. Foi destruído por um incêndio no dia 23 de setembro de 1944.

O campineiro era um apaixonado pelo circo. A cidade constantemente era visitada por importantes organizações circenses que se instalavam nos logradouros públicos apropriados, como o largo Carlos Gomes que, até 1914, estava completamente abandonado.

Frank Brown, Shipp & Feltres, Colombo e Clementino foram grandes circos estrangeiros e nacionais que trouxeram o mundo fantástico e maravilhoso dos seus aramistas, barristas, pôneis e amestrados, equilibristas chineses e mil novidades. Na segunda parte do programa, os circos aproveitavam sempre pantomimas de riquíssima montagem, como as *Touradas de Sevilha* onde se domavam touros com todo o aparato espanhol, *A Guerra de Canudos* ou a deslumbrante **Aquática**, quando o picadeiro se transformava num lago verdadeiro, com pontes, barcos, patos e marrecos, cenário de episódios divertidos que traziam o público em constante gargalhada.

Já que estamos falando de divertimentos não podemos deixar de mencionar o **Frontão Campineiro**, inaugurado em 1897, precisamente

no local onde se acha a rua Olavo Bilac no Cambuí. Segundo o jornalista Benedito Barbosa Pupo *era um prédio de grandes proporções com enorme arquibancada onde se realizava o jogo da Pela, mais conhecida como pelota basca*. O jogo era praticado em dupla por jogadores que, munidos de luvas de vime alongadas e fundas denominadas de Atchiki, palavra de origem basca, arremessavam uma pequena bola contra a parede conhecida como frontão. As pelepas eram realizadas aos domingos, sendo que excelentes bandas de música alegravam os intervalos dos jogos. Depois de algum tempo em funcionamento, declinando o entusiasmo por essa modalidade de esporte já que o governo de Getúlio Vargas o achava muito profissional o Frontão fechou suas portas, o mesmo acontecendo com o de São Paulo, com o qual mantinha intercâmbio.

A popularidade do Frontão era tão grande que, numa determinada época, chegou a se rivalizar com os jogos de futebol tanto do Guarani como da Ponte Preta, assim como com as corridas de cavalo no Jockey Clube Campineiro.

Outro ponto de diversão e lazer do campineiro era o Café. Sua história é muito interessante, pois representa um local onde o homem se sente completamente livre, livre, em primeiro lugar, da sujeição familiar, depois dos deveres mundanos.

Diz a História que a planta originária da África foi introduzida na França no século XVII. Em Paris tornou-se célebre o Café Procope, fundado em 1686, durante o reinado de Luiz XIV, pelo siciliano Procópio dei Coltelli e que existe ainda hoje. É tido como o mais antigo do mundo e o mais notável centro da vida literária e filosófica dos séculos XVIII e XIX. Dentre os seus inúmeros freqüentadores destacamos: La Fontaine, Racine, Molière, Balzac, Vitor Hugo, só para citar alguns.

No Brasil os primeiros Cafés surgiram no Rio de Janeiro na época imperial. Neles se reuniam a mocidade intelectual, a juventude boêmia, jornalistas, escritores que liam, os seus romances que muitas vezes ficavam apenas no primeiro capítulo. Nasciam e desfaziam-se grupos e panelinhas, tomavam corpo movimentos generosos - e cada café e cada confeitaria tinha os seus habitués certos, que ali faziam ponto com regularidade quase burocrática. Nestor de Holanda, célebre jornalista contou num livro delicioso chamado **Memórias do Café Nice** toda a vida boêmia do Rio de Janeiro relatada por seus freqüentadores.

Em Campinas, cidade provinciana do início do século, embora modestamente, destacava-se o Café Guarani situado na rua Barão de Jaguará, bem no centro, cujas mesas estavam sempre lotadas, pois ali imperava o sistema de café sentado onde os fregueses demoravam para tomar o seu café por cem réis, simples, com leite ou mesmo chocolateado. Dividido em dois lances, separados por um arco, com espaço ao fundo destinado ao Restaurante, era esse estabelecimento bastante confortável e um dos mais bem montados na época. Raul de Castro, exímio artista e decorador e que trabalhara na decoração do cine Recreio, pintara em suas paredes arabescos floridos de grande beleza plástica. O Café apresentava numa de suas paredes a pintura da Baía da Guanabara refletindo no espelho azul de suas águas, a massa imponente e majestosa do Pão de Açúcar. Em frente, de outro lado, destacava-se o magnífico retrato do nosso maestro Carlos Gomes, entre palmeiras e louros, várias alegorias sobre motivos da ópera **Guarani**.

O gordo e rosado Barreta, proprietário do Café, ali estava sempre firme às voltas com os garçons atrasados no serviço ou fiscalizando este ou aquele freguês incorrigível que rabiscava as suas mesas. E eram muitos os pintores, jornalistas e escritores que deixavam sobre a pedramármora, a marca de sua presença, com algumas composições nem sempre recomendáveis à estética e à moral, para desespero dos pobres empregados, sempre de pano e sapólio em punho, destruindo os vestígios dessas obras de arte. Tamanho era o apego de certos cavalheiros pelo Café Guarani, que muitas vezes vamos encontrá-los na madrugada a dentro, dormitando sobre as mesas, entre xícaras vazias, pratos de bolos e açucareiros. Os vagos profissionais, esses passavam o dia inteiro num canto bebendo carapinhada, especialidade de casa ou arquitetando a melhor maneira de ganhar o pão sem fazer força.

E os bailes? Eram uma tradição, principalmente no Clube Semanal de Cultura Artística e no Clube Campineiro. No primeiro, fundado em 1857, as danças eram um verdadeiro acontecimento social, muito concorridas, abrilhantadas por ótimas orquestras que traziam os pares em constante animação, ao compasso das valsas, schotichs, mazurcas e polcas. Nos salões desse tempo, obedecia-se rigorosa etiqueta social, havendo para isso os mestres-salas que tudo viam e providenciavam, impondo a disciplina, fazendo apresentações entre as famílias, dirigindo também as contra-danças de acordo com programa

previamente escolhido. Os cavalheiros, aos primeiros compassos, tiravam do bolsinho o fino lenço de seda, seguravam delicadamente a mão da gentil companheira, e dançavam com muita elegância e respeito sob as vistas da mamãe e comadres, que muito ajudavam na fiscalização. Uma nota interessante nos bailes de antigamente eram as iguarias que as sociedades ofereciam aos seus sócios e convidados, um buffet completo de salgados, doces e refrescos, fornecidos à vontade, sendo que alguns clubes ainda pela meia noite mandavam servir especial e suculenta canja de galinha para retemperar as forças dos dançarinos até o término do baile. Todos estes acontecimentos foram relatados pelo brilhante cronista Leopoldo Amaral.

As festinhas familiares eram chamadas de *assustados* feitas à última hora e improvisadas sob o pretexto de se comemorar uma data ou acontecimento qualquer. O aniversário da vovó, as bodas do casal ou mesmo quando as meninas passavam de ano no Colégio, serviam de motivo para a realização de um assustado. Por que o nome? Pelo fato de se alguém saísse à rua convidando os amigos para uma festa desse gênero, ao primeiro que abordasse, certamente iria ouvir, entre outras exclamações espantosas, qualquer coisa mais ou menos assim: - Que será isso? Credo! Você me deixa assustado!

Em muitas ocasiões o assustado custava para se animar, pelo retardamento dos convidados ou também dos músicos, que só apareciam depois da segunda sessão cinematográfica. Nessas festas, jogos eram organizados como o Pisca-Pisca, Berlinda, por exemplo, para não cansar as pessoas pela demora da festa. Nas pensões onde havia grande número de hóspedes, os assustados eram frequentes e preferidos pela sua animação, pois velhos e moços tomavam parte com o mesmo entusiasmo, transformando-os em verdadeiros bailes que se prolongavam até altas horas da madrugada.

No campo cultural, destacamos o movimento dos jovens poetas, que nos anos 20, tendo à frente Aristides Monteiro e Hildebrando Siqueira, nas páginas da **Gazeta de Campinas**, deliciavam o público campineiro com seus poemas de forte cunho futurista, assim como Vitor Caruso na revista **A Onda** com seus trocadilhos e anedotas.

Entretanto, o que lia o campineiro nessa época?

A julgar pelas crônicas estampadas em jornais e revistas, podemos observar que a maioria das pessoas consumia uma literatura de lazer, leve, tipo folhetim, tão em voga na ocasião. Todavia, as classes mais altas, mais intelectualizadas tinham os seus ícones como Joaquim Manuel de Macedo, Castro Alves, Machado de Assis, Alencar entre os nacionais e Eça de Queirós, Camilo, Balzac, Vitor Hugo, Zola e Renan entre os estrangeiros.

Os romances históricos eram àvidamente lidos por todos sem distinção de classe, pois tal tradição vinha desde os tempos do Gabinete de Leitura, criado em 1865 e que infelizmente foi extinto em 1908.

O que nos chama a atenção no arco do tempo de 1890 a 1930, apesar dos grandes movimentos sócio-econômicos - especialmente as campanhas contra o analfabetismo e as reivindicações do movimento feminista - é o descaso na formação da mulher. Esta era desestimulada a ler romances, principalmente os naturalistas franceses porque poderia ser nocivo e perigoso à formação da moral feminina. Aliás, no início do século, a censura católica aos livros era muito rígida. Escrito pelo frei alemão naturalizado brasileiro, Pedro Sinzig, *O Guia das Consciências* lançado em 1915, depois com mais duas edições, comenta 21.553 livros e 6.657 autores na última edição de 1923 e faz algumas observações sobre as obras, indicando algumas e censurando outras. Não recomendava, por exemplo, **D. Casmurro** e **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, ambos de Machado de Assis.

O Guia, na realidade, era dirigido à mulher, que deveria ser protegida dos frutos venenosos plantados fora do jardim da igreja.

Mas, a grande diversão do campineiro era e continua sendo o carnaval. No início do século, semanas antes do Sábado gordo, o carnaval se manifestava nas exposições de mercadorias apropriadas que abarrotavam as casas comerciais do ramo, nos bailes das sociedades recreativas. As famílias trabalhavam intensamente no fabrico de laranjinhas de cera e de borracha com água perfumada e no preparo de esguichos de bambu. Nos grandes clubes recreativos havia muita animação e os foliões cantavam os grandes sucessos de carnavais passados como *Pierrô e Colombina*, *Filomena*, *A Baratinha* e o grande, sucesso do primeiro samba gravado, *Pelo Telefone*.

Um bizarro e interessante grupo carnavalesco de Campinas antiga era a conhecida e célebre Banda do Boi, que durante muitos anos concorreu para o brilhantismo e animação dos folguedos. Seus componentes eram fardados à maneira militar francesa com variado instrumental. Justificando a sua denominação, à frente do desfile vinha um boi de pano preto, dentro do qual dois indivíduos faziam diabruras, provocando sustos nas pessoas.

O corso era outro atrativo do nosso carnaval. Duas filas intermináveis de carros abertos e automóveis, com capota arreada desciam a Barão de Jaguara, viravam a Barreto Leme e subiam a Francisco Glicério até as imediações do Largo do Pará, levando rapazes e senhoritas da melhor sociedade, ricamente vestidos. Muitos deles, durante o percurso, apresentavam renhidas batalhas de lança-perfume, confetes e serpentinas. O interessante é que em cada noite um grupo apresentava um novo e interessante disfarce.

Em 1912, depois de inaugurados os bondes elétricos, entraram na moda as Gôndolas bondes de carga muito bem ornamentados de folhagens e lâmpadas coloridas que circulavam pelo centro e bairros, superlotados de foliões até altas horas da noite. Os bailes do Clube Campineiro, do Cultura Artística ou do Camões, traduziam-se em suntuosos desfiles de fantasias onde imperavam o luxo e o bom gosto. Até mesmo os carros de propaganda tinham imponência e grandiosidade como aquele certa vez apresentado pela fábrica de bebidas Campineira, onde se via um grande urso branco em pé, no alto de uma gélida montanha, abraçado a uma garrafa de cerveja Polar produto especial dessa firma.

Finalizando, podemos dizer que Campinas, na Primeira República, passou por uma série de transformações tanto no campo econômico como no cultural como provam essas pequenas notas sobre divertimentos campineiros.